

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

17 abr 2017 | O Globo | SELMA SCHMIDT selma@oglobo.com.br

Desordem corre solta em Rio das Pedras

Prefeitura planeja urbanizar favela, que tem prédios de até 11 andares e barracos de madeira

Brian não tinha completado 1 ano, em setembro do ano passado, quando pegou tuberculose e meningite, que evoluíram para hidrocefalia. Foram três cirurgias e 11 dias em coma. E o caçula de Lucilene Maria do Nascimento se tornou uma criança especial, com baixa imunidade e deficiências de audição, visão e locomoção. Apesar do quadro, continua vivendo com a mãe e quatro irmãos em condições precárias no mesmo barraco, erguido num terreno da Via Light, em Rio das Pedras. Nesse trecho da comunidade, os casebres de madeira são colados uns aos outros para se manterem de pé. E os moradores convivem com cobras, ratos e lacraias. E tudo isso é só parte das enormes dificuldades enfrentadas por quem reside na favela que o prefeito Marcelo Crivella promete urbanizar.

Ocupada a partir da década de 1970, principalmente em função da migração de nordestinos, Rio das Pedras cresceu de forma anárquica e sem infraestrutura. Oficialmente, segundo estimativas do município, hoje já são 80 mil habitantes, mais do que a população de cidades como Três Rios e Paraty. Mas, pelas contas da associação de moradores, esse número pode chegar a 144 mil pessoas, espalhadas por 40 mil domicílios amontoados numa vasta área colada à Barra.

É uma favela de contrastes. Ao longo de anos, o poder público fechou os olhos não só para quem vive nos barracos paupérrimos da Via Light. Ignorou também o avanço de especuladores que, vislumbrando ganhos com aluguéis, ergueram prédios de até 11 andares, com apartamentos de mais de R\$ 130 mil, sem licença da prefeitura, embora com o aval da milícia que controla a comunidade. Nesse vale-tudo, nem as arquibancadas de um campo de futebol na praça em frente à associação de moradores escapou. Sobre onde deveriam ficar espectadores está sendo construído um edifício.

— A nosso pedido, o ex-prefeito Eduardo Paes embargou a obra — diz o presidente da associação, Fabrício dos Santos.

Não adiantou. A despeito do embargo, o prédio já está no quarto andar. E, na semana passada, quando O GLOBO esteve em Rio das Pedras, havia movimento de operários no local.

— A obra chegou a parar. Os construtores são os mesmos de outro edifício na Muzema, que recebeu prioridade por parte deles. Agora, retomaram o prédio daqui devagar. É um trabalho de formiguinha — diz X., antigo morador de Rio das Pedras, que pede anonimato.

A área dos casebres de madeira fica perto dos prédios, considerados imóveis nobres dentro da favela. O terreno da Via Light foi ocupado há mais de dez anos, por seis famílias desabrigadas num incêndio em outra localidade, o Areal 2. Atualmente, é habitado por 26 famílias que, quando chove, precisam driblar a lama para entrar em casa. Muitas estão há anos à espera de receber aluguel social ou uma casa. No barraco de Lucilene, pelo menos, as novas promessas para Rio das Pedras reacenderam as esperanças da mãe de Brian de ser reassentada num lugar que possa dar um pouco mais de conforto ao bebê.

— Como meu filho tem baixa imunidade, corro atrás de doações para deixar o quarto onde ele fica arrumado. Consegui um armário que iriam jogar fora e até um ar-condicionado antigo. Como a gente não paga luz, posso ligar. E o piso eu consegui no “lixo da Lili” (apelido dado a um lixão na Via Light). Jogam coisa boa ali — conta Lucilene. VENEZA DE ESGOTO Vizinha de Lucilene, a mineira Claudia Santiago perdeu tudo no incêndio. É ela que resume a situação do lugar onde vive há uma década: — Aqui, só a misericórdia de Deus. De tão insalubre, quem teve condições até abandonou os barracos na Via Light. É o caso do pintor de paredes que se identificou apenas como Paulo, que conseguiu uma casa na Areinha por R\$ 300. Desempregado, ele vive de vender alumínio e cobre que consegue catar no “lixo da Lili”:

— Seria bom se não precisasse pagar aluguel. Mas, quer saber, hoje não acredito em nada, nem em ninguém.

Moradores dos barracos e dos prédios, no entanto, sofrem com muitos problemas iguais. Entre os bairros de Itanhangá e Jacarepaguá, a comunidade tem como uma das fronteiras a Lagoa da Tijuca. Ao longo dos anos de 1980, a favela se expandiu junto com a Barra da Tijuca, à medida que aumentava a demanda por mão de obra na região. De lá para cá, avançou, inclusive,

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)